

## O sujeito: uma visão sociopragmática

Jacqueline Ortelan Maia Botassini e Juliano Desiderato Antonio\*

Departamento de Letras, Universidade Estadual de Maringá, Av. Colombo, 5790, 87020-900, Maringá-Paraná, Brazil. \*Author for correspondence.

**RESUMO.** O sintagma nominal, que exerce a função de sujeito, pode ser realizado, morfológicamente, de três formas: lexicalmente, pronominalmente e por meio de uma elipse. A escolha de um desses três tipos de sujeito não é aleatória, pelo contrário, é motivada tanto por fatores internos quanto externos ao sistema lingüístico. Neste trabalho, a investigação desses fatores será feita a partir do ponto de vista da sociolingüística e da pragmática.

**Palavras-chave:** sujeito, sintagma nominal, léxico, pronome, elipse.

**ABSTRACT. The subject: a sociopragmatic study.** The noun phrase which works as the subject of a sentence can be morphologically accomplished through lexicon, pronoun or ellipsis. The choice of one of them is not done at random but according to the motivation provoked by internal and external factors to the linguistic system. The investigation of these rules is based on sociolinguistics and pragmatics.

**Key words:** subject, noun phrase, lexicon, pronoun, ellipsis.

O termo “sujeito”, na lingüística, pode ser utilizado para designar uma série de conceitos que vão desde o sujeito filosófico, passando pelo sujeito da enunciação da análise do discurso, até a tão famosa função sintática que todos aprendemos a identificar nas aulas de gramática. É a respeito deste último tipo de sujeito que se elabora este trabalho.

Em um enunciado, o sujeito pode ser realizado de três formas: lexicalmente, como em (1), pronominalmente, como em (2), e por meio de uma elipse, como em (3):

- (1) *O marinheiro* chegou à cidade.
- (2) *Ele* chegou à cidade.
- (3)  $\emptyset$  Chegou à cidade.

A escolha de uma dessas três opções para realizar o sintagma nominal (doravante, SN) que exerce a função de sujeito não é aleatória, mas motivada por regras internalizadas pelo falante. Nem todas as correntes lingüísticas são unânimes a respeito da origem dessas regras. Segundo Haiman (1985), alguns grupos defendem que a língua é governada apenas por regras internas ao sistema, não sofrendo qualquer tipo de influência externa. Por outro lado, há grupos que defendem que a língua é o resultado transparente das necessidades funcionais dos falantes, sendo completamente motivada por pressões externas (Haiman, 1985). De acordo com

essa visão, as regras seriam resultantes apenas das intenções comunicativas dos falantes. Em última instância, seria desconsiderar a existência de uma gramática.

Neste trabalho, pretende-se demonstrar que a escolha do tipo de realização do SN que exerce a função de sujeito é regida tanto por regras internas ao sistema lingüístico, como é influenciada por regras externas ao sistema.

Essas regras internas serão, de agora em diante, chamadas de fatores lingüísticos, e as pressões externas, de fatores extralingüísticos.

Neste trabalho, o estudo dos fatores extralingüísticos que atuam na escolha do tipo de preenchimento do SN na função de sujeito será realizado a partir de duas correntes da lingüística: a sociolingüística e a pragmática.

Serão utilizados dois *corpora* nesta pesquisa: para o estudo sociolingüístico, a investigação foi feita a partir de dados do projeto que pesquisa a Variação Lingüística Urbana na Região Sul do Brasil (Varsul); para o estudo pragmático, trabalhou-se com narrativas orais produzidas por alunos do curso de Letras da Universidade Estadual de Maringá.

A sociolingüística investiga a correlação entre aspectos do sistema lingüístico e do sistema social, como sexo, idade, escolaridade, contexto etc. (Mollica, 1992). A pragmática, por sua vez, estuda o

“uso da língua em contextos reais de comunicação, as maneiras como os falantes - ou escritores - manipulam os recursos de sua língua para alcançar certos objetivos comunicativos” (Fleischman e Waugh, 1991:1).

### A visão pragmática

O estudo da realização morfológica do sujeito, do ponto de vista da pragmática, está diretamente relacionado às investigações a respeito da estrutura argumental preferida (EAP), uma configuração dos argumentos mais amplamente utilizada pelos falantes. Segundo Du Bois (1985:349), a EAP “não é uma estrutura do discurso, mas uma preferência por uma estrutura sintática”.

A EAP é composta por quatro restrições, duas de ordem gramatical (evite mais de um argumento lexical por oração e A não lexical) e duas de ordem pragmática (evite mais de um argumento novo por oração e A não-novo). A configuração dos argumentos do verbo na EAP é a seguinte: o sujeito intransitivo (**S**) e o objeto transitivo (**O**) são tratados de uma mesma maneira, ao passo que o sujeito transitivo (**A**) é tratado de forma diferente (Dixon, 1979).

### Considerações metodológicas

Neste trabalho, os resultados apresentados são referentes a uma pesquisa realizada com dez narrativas orais de informantes do curso de Letras. Para que os textos fossem semelhantes em aspectos como extensão, conteúdo, etc., decidiu-se que a coleta dos dados seria feita a partir da exibição de um vídeo com uma história que seria recontada pelos sujeitos da pesquisa. Para se evitar que houvesse influência das falas do narrador ou de personagens sobre a maneira como os informantes formulariam linguisticamente a história, a solução foi procurar um filme mudo, cuja seqüência de cenas fosse suficiente para a compreensão do seu enredo. O vídeo escolhido foi “O pavão misterioso”, que se baseia em uma história do folclore nordestino de mesmo nome e que tem, como personagens, bonecos que representam seres humanos.

### Análise dos resultados

Tabela 1. Argumentos lexicais por oração

Número de argumentos lexicais	Frequência
0	49%
1	48%
2	3%

Confirma-se, nas narrativas do *corpus*, a restrição de no máximo um argumento lexical por oração, já que a frequência de orações com mais de um argumento lexical é baixa (3%), em relação à frequência de orações com nenhum argumento lexical (49%) e em relação à frequência de orações com um argumento lexical (48%).

Tabela 2. Ocorrências lexicais dos argumentos S, A e O

Argumento	Frequência de ocorrências lexicais
S	45%
A	15%
O	58%

A restrição do **A** não-lexical também se confirma no *corpus* da pesquisa, já que o argumento **A** apresenta uma frequência bem mais baixa de ocorrências lexicais (15%) do que os argumentos **S** (45%) e **O** (58%).

Tabela 3. Argumentos novos por oração

Número de argumentos novos	Frequência
0	82%
1	17,8%
2	0,2%

A restrição de no máximo um argumento novo por oração também se confirma nesta pesquisa, pois, como pode ser observado, a frequência de orações com mais de um argumento novo é ínfima (0,2%). A maioria das orações não apresenta nenhum argumento novo (82%) e uma proporção um pouco menor de orações apresenta um argumento novo (17,8%).

Tabela 4. Ocorrências novas dos argumentos S, A e O

Argumento	Frequência de ocorrências novas
S	14%
A	2,5%
O	25,5%

Nota-se, pelos dados da Tabela 4, que a restrição do **A** não-novo também se confirma no *corpus* desta pesquisa, já que o argumento **A** apresenta uma frequência muito baixa de ocorrências novas (2,5%). Por outro lado, o argumento **O** é o que apresenta a frequência mais alta de ocorrências novas (25,5%). A frequência do argumento **S** (14%), apesar de não ser tão alta como a do argumento **O**, também pode ser considerada relevante para a introdução de informação nova no discurso.

### O fluxo de informação e a estrutura argumental preferida

A explicação para a configuração dos argumentos do verbo que caracteriza a EAP está relacionada à

continuidade tópica e à classe semântica dos referentes. Segundo Du Bois (1987), referentes humanos tendem a ocupar papel central nas narrativas, aparecendo, portanto, como **S** ou **A**, ao passo que referentes inanimados, que têm passagem efêmera pela narrativa, são introduzidos pelo argumento **O**. Para que se evite que haja mais de um argumento novo em uma oração, o argumento **A** é responsável pela retomada dos referentes humanos, que são introduzidos na narrativa pelo argumento **S**. Na Tabela 5, é apresentada a frequência de referentes humanos e de referentes inanimados encontrados em cada argumento.

**Tabela 5.** Frequência de referentes humanos e de referentes inanimados em cada argumento

Argumento	Classe semântica do referente	Frequência
S	[+hum]	89%
	[+inan]	11%
A	[+hum]	98,5%
	[+inan]	1,5%
O	[+hum]	55%
	[+inan]	45%

De fato, os referentes humanos representam quase a totalidade das ocorrências do argumento **A**, com uma frequência de 98,5%. Os referentes humanos também são responsáveis pela maioria das ocorrências do argumento **S**, com uma frequência de 89%. Por último, o argumento **O** tem aproximadamente a mesma frequência de referentes humanos e inanimados. A frequência dos primeiros é de 55%, ao passo que a dos outros é de 45%.

Assim, pode-se dizer que a realização morfológica do sujeito está relacionada a fatores pragmáticos como o fluxo de informação no discurso e a classe semântica inerente dos referentes, ou seja, a informação nova tende a ser introduzida por meio de lexias plenas, ao passo que informações dadas são realizadas por meio de pronomes ou elipses. Referentes humanos novos geralmente são introduzidos na narrativa por meio de sujeito de verbo intransitivo (**S**) e são mantidos ativos na história por meio do sujeito de verbo transitivo (**A**).

### A visão da sociolinguística variacionista

O iniciador desse modelo teórico-metodológico, cujas primeiras publicações surgiram na década de 60, é o americano William Labov. Conforme nos informa Tarallo (1986:07), esse modelo “apresenta-se como uma reação à ausência do componente social no modelo gerativo”, o qual prega que o objeto dos estudos linguísticos deve ser a competência linguística de um falante-ouvinte ideal,

pertencente a uma comunidade linguisticamente homogênea.

Todavia, para a sociolinguística, a língua falada é um sistema heterogêneo, o qual se relaciona com as variáveis sociais (sexo, faixa etária, grau de escolaridade, etnia, ...) e que evolui. Labov (1974:50) relata que uma das questões para a qual os lingüistas ainda não encontraram uma resposta é o mecanismo pelo qual as línguas evoluem e mudam. Parte da resposta, diz ele, “pode ser encontrada através do exame minucioso das mudanças contemporâneas que se processam na comunidade de fala”.

Uma comunidade de fala é um grupo de pessoas que, apesar de compartilharem um conjunto de normas comuns com respeito à linguagem, não se expressam do mesmo modo, já que as comunidades são constituídas por homens e por mulheres de variadas faixas etárias, com graus de escolaridade distintos, de etnias diversas, enfim, indivíduos diferentes.

Nas comunidades de fala, frequentemente encontram-se formas linguísticas em variação, isto é, formas que estão em coocorrência (quando duas formas são usadas ao mesmo tempo) e em concorrência (quando duas formas concorrem). E este é, justamente, o objeto de estudo da sociolinguística: a variação.

As formas em variação recebem o nome de variantes linguísticas. Expõe Tarallo (1986:8):

*Variantes linguísticas são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de variável linguística.*

Atentemos para o caso da variação no uso do sujeito pronominal na língua portuguesa. Tradicionalmente se afirma que a língua portuguesa apresenta um paradigma flexional com desinências verbais capazes de indicar o pronome-sujeito sem que haja a necessidade de explicitá-lo (Bechara, 1985:253; Cuesta e Luz, 1983:481; Cunha e Cintra, 1985:275;...) ou, segundo a visão da gramática gerativa, sustenta-se que o português é uma língua de **sujeito nulo** (Lobato, 1986:433; Roberts, 1993:412;...). Assim, ressalta-se que a explicitação do pronome só ocorre por motivos como dar ênfase, evitar ambigüidades, opor as pessoas gramaticais (Almeida, 1988:175; Cunha e Cintra, 1985: 275; Lapa, 1982:113;...).

Essas restrições, apontadas como situações possíveis de apresentar o sujeito pronominal expreso, são antigas, vêm desde o latim. Freire (1959:328), em sua “Gramática Latina”, quando faz referência ao emprego dos pronomes pessoais, diz:

A 1ª e a 2ª pessoa dos pronomes pessoais não se exprimem, geralmente, a não ser:

a) Quando, de algum modo, se opõe uma à outra.

Ex.: *Tu amas, at ego esurio* (Plaut. Cas. 3, 6, 10), Tu amas, mas eu tenho fome.

b) Quando se quer dar ênfase à frase.

Ex.: *Tu innocentior quam Metellus?* (Cic. Verr. 3, 16, 43), Acaso és tu mais irrepreensível do que Metelo?

Também Câmara Jr. (1979:90) ressalta esse aspecto:

*...a indicação do falante ou do ouvinte como sujeito, que cabia a ego ou tu, conforme o caso, vinha dada em desinência na própria forma verbal. Nestas condições, ego e tu só se empregavam por uma redundância enfática ou como "vocativos", numa comunicação isolada, ou numa frase de verbo inexpresso (Ego bonus "Eu sou bom").*

Essas observações sobre a elipse do sujeito pronominal têm, em parte, seu fundo de verdade; entretanto apresentam uma visão um tanto limitada, normalmente associada a questões de ordem estilística. Essa visão está alicerçada nos empregos literários, na língua escrita, em livros didáticos; porém, na língua falada, as coisas acontecem de maneira diferente.

Analisando um *corpus* constituído por 24.181 dados, levantados a partir da fala de 96 informantes do projeto Varsul, foi possível constatar que o uso do pronome-sujeito tem sido influenciado por fatores que vão além dos meramente estilísticos. Observando, especificamente, a variação no uso dos pronomes-sujeito de 1ª pessoa (*eu* e *nós*), os dados apontam para uma situação de preenchimento do sujeito pronominal superior aos casos de elipse e por motivos que, na maioria das vezes, não coincidem com os expostos anteriormente.

Foram selecionados como possíveis condicionadores da **explicitação ou não do sujeito pronominal de 1ª pessoa** o fator lingüístico **tipo de oração** e os fatores extralingüísticos **sexo** e **faixa etária**.

### Tipo de oração

Os pesos relativos presentes nas Tabelas 6 e 7 apontam para algumas situações bastante similares e bem definidas em termos de preenchimento dos pronomes-sujeito *eu* e *nós* na variável independente tipo de oração.

Quando se trata de **orações subordinadas**, os pesos relativos indicam, tanto para *eu* quanto para

*nós*, um favorecimento para o preenchimento do pronome-sujeito. Para o pronome *eu*, a oração subordinada que mais favorece a explicitação do sujeito é a **adjetiva** com .91, aplicação quase categórica. Esse resultado altamente favorecedor também foi constatado por Lira (1988) e por Menon (1996). No trabalho de Lira, dentre todas as orações adjetivas analisadas, 91% apresentaram pronome expresso e, no trabalho de Menon, as adjetivas alcançaram um peso relativo de .84 para o preenchimento do sujeito pronominal.

**Tabela 6.** Ocorrências do pronome EU em relação ao tipo de oração

Tipo de oração	Pronome EU (21.334 ocorrências)			
	Presente		Ausente	
	N.º de dados	P.R.*	N.º de dados	P.R.
Absoluta	2.440	.48	1.599	.52
Principal	2.789	.50	1.768	.50
Substantiva	470	.68	128	.32
Adjetiva	634	.91	38	.09
Adverbial	980	.74	204	.26
1ª Coordenada	2.498	.55	1.229	.45
2ª Coord. Sindética	741	.46	509	.54
3ª Coord. Sindética	527	.47	355	.53
2ª Coord. Assind.	1.010	.32	1.288	.68
3ª Coord. Assind.	685	.28	1.030	.72
Mista	252	.49	160	.51

\* P.R. = peso relativo

**Tabela 7.** Ocorrências do pronome NÓS em relação ao tipo de oração

Tipo de oração	Pronome NÓS (2.847 ocorrências)			
	Presente		Ausente	
	N.º de dados	P.R.	N.º de dados	P.R.
Absoluta	308	.49	221	.51
Principal	195	.54	136	.46
Substantiva	52	.63	18	.37
Adjetiva	105	.75	22	.25
Adverbial	131	.81	26	.19
1ª Coordenada	334	.54	207	.46
2ª Coord. Sindética	112	.51	76	.49
3ª Coord. Sindética	96	.38	109	.62
2ª Coord. Assind.	168	.36	211	.64
3ª Coord. Assind.	129	.32	176	.68
Mista	7	.37	8	.63

O segundo maior peso relativo para a explicitação do pronome *eu* aparece na oração **adverbial** (.74), seguida da **substantiva** com .68. Para o pronome *nós*, a oração que mais favorece o preenchimento é a **adverbial** com .81, seguida da **adjetiva** com .75 e, por último, a **substantiva** com .63.

Para as **orações coordenadas**, sejam elas **sindéticas** ou **assindéticas**, há inibição para o preenchimento da casa do sujeito, ou seja, há mais probabilidade de o pronome-sujeito vir elíptico e esta probabilidade é maior nas assindéticas.

No pronome *eu*, os pesos relativos nas 2ª e 3ª sindéticas aproximam-se da neutralidade com .46 e

.47 para o preenchimento, respectivamente; já nas 2ª e 3ª assindéticas diminuem para .32 e .28, respectivamente. Para o pronome *nós*, os pesos relativos são .51 na 2ª sindética e .38 na 3ª sindética; nas assindéticas, caem para .36 na 2ª coordenada e .32 na 3ª coordenada.

Pelos resultados semelhantes, parece que o princípio do paralelismo está funcionando - marcas levam a marcas e zeros levam a zeros - pois os pesos relativos estão muito próximos, isto é, parece que a elipse de um primeiro pronome está propiciando a elisão em uma segunda, terceira ocorrência.

Nas coordenadas assindéticas, o preenchimento é menor do que nas sindéticas; logo, pode ser que o uso da conjunção esteja, de algum modo, levando o falante a explicitar o pronome um pouco mais do que nas assindéticas, talvez por interferência do ritmo, da entonação diferenciada, situação que necessita de uma análise detalhada.

Para as orações **absoluta, principal e 1ª de um período coordenado**, os pesos relativos muito próximos da neutralidade (entre .48 e .55) demonstram que é praticamente indiferente o uso ou não do pronome-sujeito. A **1ª oração de um período coordenado** está apresentando uma leve tendência ao preenchimento do sujeito tanto para o pronome *eu* (.55) quanto para o pronome *nós* (.54). Esse mesmo resultado pode ser verificado na **oração principal** (.50 para *eu* e .54 para *nós*). Já nas **orações absolutas**, existe uma pequena tendência ao não-preenchimento (.48 para *eu* e .49 para *nós*).

Esse dado parece identificar uma situação interessante. Como as orações principal, 1ª de um período coordenado e absoluta se equivalem de algum modo, visto serem, normalmente, a primeira oração do período (no caso da absoluta, primeira e única), significa que, quando o falante vai iniciar o período, é praticamente aleatório ele preencher ou não a casa do sujeito. Portanto, não há como prever quando o falante usará ou não o pronome no início de um período.

Na oração **mista**, há propensão à elipse do sujeito pronominal: no pronome *eu* .51 e um pouco mais no pronome *nós* .63. A oração **mista** corresponde a algumas situações em que uma oração era, por exemplo, coordenada ou subordinada em relação à oração anterior e principal em relação à posterior, por exemplo: “ Não está devendo muito, **mas acho** que ele deve alguma coisa pra nós” (oração mista: **mas acho**). Neste caso, os pesos favorecedores do não-preenchimento do sujeito podem estar relacionados à presença da oração coordenada dentro da oração mista; pois, conforme

vimos, as coordenadas favorecem a elipse pronominal.

## Sexo

**Tabela 8.** Ocorrências do pronome EU em relação ao sexo.

Sexo	Pronome EU (21.334)			
	Presente		Ausente	
	N.º de dados	%	N.º de dados	%
Masculino	5.653	58	4.076	42
Feminino	7.373	64	4.232	36

**Tabela 9.** Ocorrências do pronome NÓS em relação ao sexo.

Sexo	Pronome NÓS (2.847)			
	Presente		Ausente	
	N.º de dados	%	N.º de dados	%
Masculino	943	60	641	40
Feminino	695	55	568	45

Nas Tabelas 8 e 9, observa-se que tanto os homens como as mulheres utilizam mais o sujeito pronominal do que o sujeito elíptico. Entretanto pode-se verificar que os homens usam mais o pronome *nós* do que as mulheres, tanto em relação à presença quanto à ausência. As mulheres, por sua vez, fazem mais uso do pronome *eu*, tanto o preenchido quanto o zero.

O maior uso do pronome *eu* no sexo feminino também foi constatado em um estudo de Angelim (1995), a qual, trabalhando com oito entrevistas do tipo DID do Projeto Nurc/RJ, assevera que este fato pode estar relacionado ao maior envolvimento pessoal, emocional, na fala das mulheres. Atentemos para os resultados a que a autora chegou com relação ao emprego explícito do pronome-sujeito *eu*:

*Homens (12, 66, 18 e 52 empregos do “eu”, conforme respectivamente entrevistas n.º 118, 135, 121 e 49) x mulheres (122, 171, 105 e 50 vezes, conforme respectivamente entrevistas n.º 267, 285, 322 e 21). (p.62)*

Assim, se por um lado o fator sexo não se tem mostrado diferenciador em termos de uso ou não do sujeito pronominal, por outro lado tem sido importante para determinar a escolha do pronome (*eu* ou *nós*).

## Faixa Etária

Os informantes do Varsul estão divididos em duas faixas etárias: na primeira (doravante **1ª FE**), estão os indivíduos com idades entre 25 e 49 anos e, na segunda (doravante **2ª FE**), indivíduos acima de 50 anos.

Se se consideram esses dados apenas em termos numéricos (e não em termos do peso relativo), constata-se que há sempre mais pronomes expressos do que elípticos, independentemente de se empregar *eu* ou *nós* e independentemente da faixa etária.

**Tabela 10.** Ocorrências do pronome EU na variável faixa etária

Faixa etária	Pronome EU (21.334)			
	Presente		Ausente	
	N.º de dados	P.R.	N.º de dados	P.R.
1ª F. E.	6.977	.50	4.411	.50
2ª F. E.	6.049	.50	3.897	.50

**Tabela 11.** Ocorrências do pronome NÓS na variável faixa etária.

Faixa Etária	Pronome NÓS (2.847)			
	Presente		Ausente	
	N.º de dados	P.R.	N.º de dados	P.R.
1ª F. E.	758	.52	530	.48
2ª F. E.	879	.48	680	.52

Todavia, o pronome *eu* é mais usado pela 1ª FE; já as ocorrências do pronome *nós* são mais frequentes na 2ª FE.

Não existem grandes variações nos pesos relativos referentes à presença e à ausência dos pronomes, os dados indicam valores sempre perto da neutralidade (.50). Tanto na 1ª FE como na 2ª FE, para ambos os pronomes, igualam-se as possibilidades de ocorrências de sujeito expresso e de sujeito ausente. O fator faixa etária, portanto, não está se mostrando relevante para a aplicação da regra de preenchimento.

Para o pronome *eu*, os dados mostram que é absolutamente indiferente preencher ou não a casa do sujeito, independentemente da faixa etária, uma vez que em todos os casos o peso foi neutro (.50). Para o pronome *nós*, há uma leve tendência à explicitação do sujeito na 1ª FE (.52) e uma leve propensão à omissão na 2ª FE (.52).

Essa relação de igualdade entre as variantes presença e ausência de *eu* e presença e ausência de *nós*, nas diferentes faixas etárias, dá indícios de que a questão do preenchimento do sujeito pronominal é um fenômeno relativamente estável na língua. Tarallo (1986:65) afirma que, quando não há mudança entre as faixas etárias, é porque o fenômeno em questão está em variação estável, pois, para que se flagre uma mudança em progresso, é preciso que a variante mais inovadora (neste caso: pronome-sujeito expresso) seja mais freqüente entre os jovens, decrescendo em relação à faixa etária mais velha, e isso não foi constatado neste estudo.

## A influência dos fatores sociais e pragmáticos sobre o sistema lingüístico

Para Du Bois (1985:360), “é em grande parte a necessidade de resolver consistentemente a competição entre as diversas motivações externas que leva, em primeiro lugar, à existência - como uma estrutura fixa - da própria gramática”. Se é a competição entre as motivações externas que leva à existência de uma gramática, não se pode adotar a posição dos estruturalistas de que a língua é um sistema autônomo, que não cede às pressões externas (*ibid.*). Nem tampouco pode-se assumir o princípio do funcionalismo transparente de que todos os fatos sintáticos que parecem ser autônomos são os resultados transparentes das intenções comunicativas dos falantes, pois esse princípio nega a existência de uma gramática (*ibid.*).

A posição mais correta parece ser a de Du Bois (1985), que rejeita uma radicalização e conceitua a língua como um sistema adaptável. É um sistema porque tem continuidade de existência e, para isso, categorias gramaticalizadas são retidas para uso, e é adaptável porque é sensível a pressões externas (Du Bois, 1985).

Conclui-se o trabalho com uma afirmação de Du Bois que sintetiza essas duas características da língua: a suscetibilidade a pressões externas e a capacidade de gramaticalizar as categorias que sofrem essas pressões: “as gramáticas codificam melhor o que os falantes fazem mais” (1985: 363).

## Referências bibliográficas

- Almeida, N.M. de. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 35.ed. São Paulo: Saraiva, 1988.
- Angelim, R.C.C. Linguagem masculina x linguagem feminina, questionando a possibilidade de se poder estabelecer uma “norma” feminina. In Oliveira, M.T.I. de; Lopes, C.R. dos S. (Orgs.). *Sexo: uma variável produtiva*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 1995. p. 61-65. v.4.
- Bechara, E. *Moderna gramática portuguesa*. 29.ed. São Paulo: Nacional, 1985.
- Câmara Júnior, J.M. *História e estrutura da língua portuguesa*. 2.ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.
- Chafe, W. Cognitive Constraints on Information Flow. In: Tomlin, R. *Coherence and Grounding in Discourse*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1987.
- Cuesta, P.V.; Luz, M.A.M. da. *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Edições 70, 1983.
- Cunha, C.; Cintra, L.F.L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- Dik, S. *The Theory of Functional Grammar*. Dordrecht: Foris, 1989.

- Dixon, R.M.W. Ergativity. *Language*, 55:59-138, 1979.
- Du Bois, J. Competing motivations. In: Haiman, J. (Ed.) *Iconicity in syntax*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1985.
- Du Bois, J. The Discourse basis of ergativity. *Language*, 63:805-855, 1987.
- Dutra, R. The hybrid S-category in Brazilian Portuguese:some implications for word order. *Studies in Language*, 11:163-180, 1987.
- Fleischman, S.; Waugh, L.R. *Discourse pragmatics and the verb*. London: Routledge, 1991.
- Freire, A.S.J. *Gramática latina*. 2.ed. Porto: Livraria Apostolado da Imprensa, 1959.
- Haiman, J. (Ed.) *Iconicity in syntax*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1985.
- Labov, W. Estágios na aquisição do inglês standard. In Fonseca, M.S.V.; Neves, M.F. (Orgs.). *Sociolinguística*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.
- Lapa, M.R. *Estilística da língua portuguesa*. 1.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1982.
- Lira, S. de A. O sujeito pronominal no português falado e escrito. *Ilha do Desterro*, 20:31-43, 1988.
- Lobato, L.M.P. *Sintaxe gerativa do português: da teoria padrão à teoria da regência e ligação*. Belo Horizonte: Vigília, 1986.
- Menon, O.P. da S. *Uso dos pronomes sujeito de 1ª pessoa: uma análise sociolinguística*. Curitiba, 1996. (Tese apresentada ao concurso para Professor Titular de Linguística) - Universidade Federal do Paraná.
- Mollica M.C. (Org.). *Introdução à sociolinguística variacionista*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992.
- Neves, M.H.M. A estrutura argumental preferida em inquéritos do Nurc, 1994. Mimeo.
- Pezatti, E.G. Estrutura argumental e fluxo de informação. In: Koch, I.V. (Org.) *Gramática do português falado: desenvolvimentos*. Campinas: Unicamp, 1996. p.275-299. v.6.
- Roberts, I. O português brasileiro no contexto das línguas românicas. In Roberts, I.; Kato, M. (Orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Edunicamp, 1993, p.409-425.
- Tarallo, F. *A pesquisa sociolinguística*. 2.ed. São Paulo: Ática, 1986.

Received on December 18, 1998.

Accepted on February 24, 1999.